

A TRADUÇÃO COMO SONHO DE SOBREVIVÊNCIA

Antônia Elizângela de Moraes Gehin – antonia.gehin@gmail.com
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Leide Daiane de Almeida Oliveira – daiane.deao@gmail.com
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento da Tradução Cultural, tomando como ponto de partida as mudanças ocorridas no campo da Antropologia Social Pós-colonial, e as transformações que a Virada Cultural trouxe para os Estudos da Tradução. As noções de Tradução Cultural estudadas neste ensaio têm como embasamento teórico estudos realizados, principalmente, por autores como Susan Bassnett e André Lefevere (1992; 1998), Homi Bhabha (1998) e Jacques Derrida (2006), que buscaram, nos textos citados aqui, enfatizar o modo como as relações de poder e dominação interferem no processo tradutório, desde a escolha do texto até a censura de termos linguísticos considerados inadequados para a audiência. Este ensaio também se propõe discutir o conceito de hibridismo em Homi Bhabha, que destaca a identidade híbrida do tradutor e seu papel de agente de transformação social, enquanto habita as fronteiras das diferenças culturais e cultiva o sonho da tradução como sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Cultural. Virada Cultural. Relações de Poder. Hibridismo.

INTRODUÇÃO

O termo tradução cultural teve sua origem no campo da Antropologia por volta de 1950, quando antropologistas começaram a descrever suas atividades como tradução de culturas. "Antropologia Social seria, então, definida não somente como o estudo das diferenças culturais, mas como a ciência da tradução: o estudo dos processos empíricos e princípios teóricos da tradução cultural" (HANKS, 2014. p.1). No meio antropológico, debates em torno da tradução cultural estavam focados principalmente na figura do tradutor, e tentavam responder questões como: que tipo de tradução deve ser usada para esta cultura, e qual a melhor maneira de descrevê-la? Assim, concluíram que o melhor caminho para interpretar determinadas culturas seria focar nas pessoas, em vez de ater-se somente ao aspecto linguístico da tradução.

A partir da Antropologia Social, outras áreas do conhecimento, como Estudos Literários e Pós-Coloniais, fizeram uso dessas concepções teóricas e adotaram o termo "tradução cultural" em suas abordagens. No prefácio do livro *Translation History Culture* (1992), Bassnett e Lefevere enfatizam a Virada Cultural em Estudos da Tradução e consideraram a década de 1980 o período em que a disciplina Estudos da Tradução foi, definitivamente, separada de Estudos Linguísticos e

Literatura Comparada, e liberada da posição de subcategoria que ocupava, tornando-se uma disciplina acadêmica independente.

Ainda na década de 1980, a disciplina Estudos Culturais se difundiu rapidamente, voltando-se para questões de identidade cultural. Essa mudança de direcionamento proporcionou o encontro entre as disciplinas Estudos da Tradução e Estudos Culturais, uma vez que ambas estão preocupadas em aprofundar os métodos de análise do processo de transferência cultural considerando, primeiramente, as relações de poder e produção textual, além da maneira como diferentes culturas constroem suas identidades e produzem texto (BASNETT; LEFEVERE, 1998, p.132).

No que se refere ao conceito de hibridismo cultural, abordado neste trabalho, este está ligado a teorias de globalização cultural e discriminação racial. O tema vem, cada vez mais, ganhando atenção em diversas áreas do conhecimento, especialmente nos estudos pós-coloniais e culturais. Além disso, a teoria do hibridismo, descrita por Homi Bhabha em *O Local da Cultura* (1998), questiona a força do essencialismo cultural e imposição de identidade nacional tão evidentes no mundo atual.

A VIRADA CULTURAL EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Antes da Virada Cultural (*The Cultural Turn in Translation Studies*), os estudos de tradução eram, normalmente, submetidos a duas disciplinas: Estudos Linguísticos e Literatura Comparada. A Tradução era considerada, basicamente, uma transição entre duas línguas. Esse conceito de tradução como sendo a substituição da língua fonte pela língua alvo é evidenciada no livro de Catford: *A Linguistic Theory of Translation: an essay in applied linguistics* (1965). Na década de 1980, quando os Estudos da Tradução começaram a se desligar da área da Linguística Aplicada (BASSNETT; LEFEVERE, 1992, p. xi), noções como fidelidade e equivalência continuavam a permear as discussões em torno da tradução (BASSNETT; LEFEVERE, 1998, p. 26), de modo que tais noções eram tidas como estratégias essenciais, das quais o tradutor deveria apropriar-se para produzir uma “boa tradução”. Existia um esforço contínuo – por parte do tradutor e demais agentes envolvidos no processo – de encontrar o termo ideal e evitar que o original fosse, de algum modo, afetado pela tradução. Diante da supremacia da figura do autor, restava ao tradutor permanecer na invisibilidade, como reflete Venuti:

A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality

or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.” The illusion of transparency is an effect of a fluent translation strategy, of the translator’s effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning. (VENUTI, 2008, p. 3)¹

No entanto, apesar de todo embasamento teórico, no qual tais conceitos se apoiam, sabe-se que na prática não se sustentam, pois, de acordo com o pensamento descritivista da tradução (Toury (1995), Even-Zohar (2004)), a fidelidade depende de vários agentes do campo cultural: editores, especialistas, críticos e leitores; e de intenções implícitas pré-estabelecidas que motivam as traduções de obras ou textos. Desse modo, é possível afirmar que a noção de fidelidade enquanto fator essencial para a transcrição de um texto para diferentes línguas possui caráter subjetivo e não essencial.

Uma das noções predominantes no período pós Segunda Guerra Mundial é a valorização da tradução. Visto que o valor de uma tradução estava frequentemente atrelado à fidelidade e à equivalência. Adjetivos como: fluente, transparente, brilhante eram constantemente usados para designar o valor de uma tradução. Tratava-se de uma concepção emaranhada pelo poder imperial veementemente imposto no período colonial, no qual a assimetria entre colonizador e colonizado “não permitia o subalterno ter voz”. Em *The Concept of Cultural Translation in British Social Anthropology*, Talal Asad (1986) lembra que a força de uma língua não vem de sua essência, mas do poder político de quem a fala. Consequentemente, línguas e culturas dominadas tendem a se adequar a línguas e culturas dominantes.

Em meio a um cenário cada vez mais controverso, pesquisadores no âmbito acadêmico começaram a notar que a atividade da tradução estava profundamente marcada por princípios de poder e manipulação; que textos literários são constituídos, primeiramente, de cultura, não somente de linguagem; começaram a perceber que o contexto histórico e os elementos culturais contidos numa obra, constituem parte essencial do processo de compreensão e interpretação cultural. Talal Asad (1986) chama a atenção para a necessidade de revelar o significado implícito de sociedades subordinadas como sendo a função da tradução cultural. Dentro de uma perspectiva antropológica, deu-se início a uma nova abordagem em cujo centro estava a figura do tradutor e seu papel social,

¹Um texto traduzido, tanto prosa quanto poesia, ficção ou não ficção, é julgado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando a leitura é fluente, quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística faz o texto parecer transparente, dando a impressão de que reflete a personalidade do autor estrangeiro, ou intenção, ou o significado essencial do texto estrangeiro — a impressão, em outras palavras, de que a tradução não é, de fato, tradução, mas o “original”. A ilusão de transparência é um efeito da fluente estratégia de tradução, do esforço do tradutor de garantir a facilidade de leitura, mantendo sintaxe contínua, determinando um significado preciso. (VENUTI, 2008, p. 3, tradução nossa).

marcado pela responsabilidade de interpretar e traduzir a alteridade, não com finalidade de dominação, mas de preservação da identidade do outro em sua totalidade.

No campo da tradução literária, a publicação da coletânea *The Manipulation of Literature – Studies in Literary Translation* editada por Theo Hermans, publicado pela primeira vez em 1985, revela certa frustração (por parte dos colaboradores) no que diz respeito à abordagem dogmática predominante em Estudos da Tradução até aquele momento. Presume-se que as reflexões abordadas nesta obra conduziram à necessidade de repensar os principais conceitos de tradução e começar a considerar as especificidades culturais do texto e investigar a forma como as relações de poder interferem no processo tradutório. Todas essas reflexões deram origem a transformações que, mais tarde, resultaram no surgimento do movimento chamado Virada Cultural em Estudos da Tradução. Nas palavras dos autores:

We called this shift of emphasis 'the cultural turn' in translation studies, and suggested that a study of the processes of translation combined with the praxis of translating could offer a way of understanding how complex manipulative textual processes take place: how a text is selected for translation, for example, what role the translator plays in that selection, what role an editor, publisher or patron plays, what criteria determine the strategies that will be employed by the translator, how a text might be received in the target system. (BASSNETT & LEFEVERE, 1998, p.123)².

Este novo paradigma representou uma mudança de pensamento, ou de direção, que contribuiu amplamente para o desenvolvimento de uma nova abordagem da disciplina Estudos da Tradução e impactou, principalmente, o campo da tradução literária. Dentre as principais transições provocadas pela Virada Cultural, o tradutor - até então vivendo na invisibilidade (VENUTI, 2008) - é colocado sob os holofotes como um dos principais agentes de transformação cultural, responsável por combater e resistir estruturas de poder que interferem e determinam os mecanismos de interpretação e intercâmbio cultural através da tradução.

HIBRIDISMO EM HOMI BHABHA

Nas últimas décadas, tradução se tornou um tema primordial também para outras áreas do conhecimento, como estudos culturais e antropologia social, sendo vista como uma metáfora para

² Chamamos esse deslocamento de ênfase de "a virada cultural" nos estudos de tradução e sugerimos que um estudo dos processos de tradução combinados com a práxis da tradução poderia oferecer uma maneira de entender quão complexos são os processos manipulativos dos textos: como um texto é selecionado para a tradução, por exemplo, qual o papel que o tradutor desempenha nessa seleção, qual o papel que um editor, editor ou patrono desempenha, quais critérios determinam as estratégias que serão utilizadas pelo tradutor, como um texto pode ser recebido no sistema de destino. (BASSNETT & LEFEVERE, 1998, p.123, tradução nossa).

o processo de transferência cultural. Provavelmente, a formulação de conceito de tradução cultural mais compreensível e também a mais influente, é apresentado pelo teórico cultural indiano Homi Bhabha, no capítulo intitulado “Como o novo entra no mundo: o espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da tradução cultural” (1998).

Para descrever o conceito de tradução cultural, o autor utiliza uma metáfora na qual três espaços distintos estão reservados para diferentes aspectos da transferência intercultural. O primeiro espaço seria o do colonizador, o segundo, o do colonizado e o terceiro espaço estaria, então, reservado para a interação e comunicação entre culturas; um espaço liminar “onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às existências fronteiriças” (BHABHA, 1998, p. 300).

Para demonstrar como a comunicação intercultural acontece dentro desse terceiro espaço, Bhabha usa como exemplo o romance *Versos Satânicos* do escritor indiano Salman Rushdie. O romance revela uma vida precariamente vivida às margens políticas e culturais da sociedade moderna em que Rushdie é um agente que interpreta uma realidade político-social assimétrica entre colonizador e colonizado, operando nas fronteiras de definições estáveis e de identidades essenciais.

Versos Satânicos é, ainda, considerado um exemplo de tradução cultural por Bhabha, por se tratar de uma desconstrução do sagrado, daquilo que é imposto como verdade absoluta e inquestionável. O pecado, o crime da blasfêmia, visto como um sonho de sobrevivência representa uma abertura para o questionamento e para a necessidade de libertar-se das amarras do nacionalismo e absolutismo culturais. Uma nação não é essencialmente superior à outra, nem essencial em si mesma. Identidades nacionais são construídas através dos séculos e estão em constante transformação. O crime da blasfêmia, enquanto luta pela sobrevivência, simboliza o escapar das imposições do multiculturalismo, com suas teorias de inclusão social baseadas na exclusão; com suas ideias de aceitação do outro a partir da imposição da própria identidade e essência.

Tocar o intocável ou desconstruir uma verdade absoluta, resultou numa manifestação deliberada de poder através da censura da obra *Versos Satânicos* em diversos países, e na perseguição contra seu autor, que chegou a receber sentença de morte pronunciada pelo líder iraniano Ayatollah Ruhollah Khomeini. Bhabha continua:

Se hibridismo é heresia, blasfemar é sonhar. Sonhar não com o passado ou o presente, e nem com o presente contínuo; não é o sonho nostálgico da tradição nem o sonho utópico do progresso moderno; é o sonho da tradução como

“sobrevivência”, como Derrida traduz o “tempo” do conceito Benjaminiano de sobrevida da tradução, o ato de viver nas fronteiras. (1998, p. 311).

Versos Satânicos é, para Bhabha, a representação do migrante que vive na precariedade das fronteiras da identidade híbrida, às margens políticas e culturais da sociedade moderna; remete ao habitar esse terceiro espaço no qual vive o estrangeiro, o diferente, a alteridade, mas que é, também, o espaço no qual a tradução cultural opera, na tentativa de mediar culturas, línguas e sociedades diferentes e a possibilidade de sobrevivência. Nesse sentido, tradução cultural pode ser entendida como uma necessidade social moderna de fazer com que as desigualdades fronteiriças sejam suplantadas pela riqueza da diversidade cultural.

A tradução a partir da cultura seria, precisamente, viver nas fronteiras da incerteza e da insegurança. Elementos como equivalência e fidelidade ao original perdem-se no universo das diferenças culturais, num processo de internalização do outro, no qual a assimetria entre culturas e a subjetividade da posição pessoal do tradutor são, finalmente, superadas. O viver nas fronteiras, ou viver nesse “entre lugar”, de que fala Bhabha, representa o retorno do migrante, do oprimido, que o soberano tenta evitar.

A noção de hibridismo em Bhabha faz com que duas categorias desiguais entrem em contato sem que uma seja inferior à outra. Hibridismo cultural é uma forma de oposição a ideologias que promovem a diversidade enquanto limitam a capacidade de ação da cultura considerada subordinada; hibridismo é uma forma de oposição a discursos identitários que alimentam os mecanismos de dominação social. O trabalho do tradutor, por sua vez, consiste em se opor a essas ideologias através de escolhas conscientes, levando em consideração a responsabilidade de traduzir o outro, preservando sua identidade.

A METÁFORA DE BABEL E O SONHO DE SOBREVIVÊNCIA

Torre de Babel é uma narrativa bíblica (Gen. 11,1-9) que conta como os antigos babilônicos tentaram criar, para si mesmos, um nome e uma genealogia, construindo um império linguístico universal que os mantivesse unidos. Para eles, o símbolo desse poder político seria uma torre cujas dimensões atingiriam os céus e seria a morada dos deuses. Os antigos babilônicos concebiam o mundo como uma alta montanha e acreditavam que os deuses habitavam os cumes dos montes, por isso construía torres e determinavam que seu patamar seria a morada dos deuses.

Na Babilônia, a torre mais famosa era a do deus *Marduque*, chamada de *Casa do Fundamento do Céu e da Terra*. Era o poder político da Babilônia divinizado. De acordo com a narrativa, Deus

— ao observar a presunção humana — decidiu punir os babilônicos lançando confusão entre eles para que, não se entendendo, seu projeto arquitetônico não fosse concluído. Com a confusão linguística, a construção da torre de babel foi abandonada e o povo se dispersou. Desde então, esse acontecimento marcou o surgimento da diversidade de línguas e a torre de babel se tornou seu símbolo e metáfora.

Em seu artigo *Des tours de Babel* (1985), Jacques Derrida interpreta a metáfora da torre a partir de um ponto de vista linguístico e de tradução. Para ele, ao punir a humanidade, Deus destrói as aspirações humanas de criação de um império linguístico universal e, conseqüentemente, o seu símbolo: a torre. Com a palavra “babel”, Derrida introduz o problema da tradução: a dualidade “traduzível” e “intraduzível”. A palavra babel significa, ao mesmo tempo, confusão e o nome de Deus (Ba = pai. Bel = deus. Deus Pai ou Pai Divino) e configura um paradoxo. É possível traduzir a palavra babel enquanto confusão, mas não o é enquanto nome de Deus porque o nome de Deus não é traduzível.

Em sua ira para com os construtores da torre, o Pai Divino retira o dom de uma língua única e universal e impõe a multiplicidade de línguas e, conseqüentemente, a necessidade de tradução e a impossibilidade de traduzir completamente. Essa dualidade representa para Derrida o problema da tradução. De acordo com a metáfora de Babel traduzir é, simultaneamente, necessário e impossível por completo (DERRIDA, 2006, p. 25), porque diferentes línguas supõem horizontes culturais diversificados.

A torre de babel, que representa o surgimento da diversidade de línguas mutuamente distinguíveis, traz à tona a necessidade de traduzir e demonstra sua impossibilidade. A discussão sobre a torre de babel está profundamente vinculada à noção de tradução como uma obrigação, um débito, uma responsabilidade, ou seja, sempre que um texto requer tradução, é nosso dever fazê-lo.

Quando nos dispomos a transferir um texto de uma língua para outra, assumimos o compromisso de preservar sua vida e de restituir-lhe o significado original. "A minha maneira de amá-los é traduzi-los. Ou degluti-los, segundo a Lei Antropofágica de Oswald de Andrade", disse Augusto de Campos (1978), na introdução do seu livro *Verso Verso Controverso*. Essa internalização do outro pode ser entendida como uma maneira de *ler* atentamente o outro, como uma dádiva que requer a responsabilidade de reparar ou restaurar aquilo que foi perdido. Esta ideia, que nada tem a ver com concepções tradicionais de tradução, se identifica plenamente com a noção de sobrevivência do original.

Em *Des tour de Babel*, Derrida reflete sobre a noção de restituição do original a partir das ideias de Walter Benjamin em *A tarefa do tradutor* (2000). Enquanto Benjamin defende a busca pela língua pura — como sendo o ápice do processo tradutório — Derrida reconhece mais a pluralidade de significados do que na existência ou possibilidade de uma língua pura. Sua crença está fundamentada na ideia de multiplicidade de significados uma vez que o leitor, ao decifrar um texto, também constrói significado baseado em sua própria experiência e visão de mundo. Ao passo que para Benjamin a tradução garante a sobrevivência do original, para Derrida a ideia de original difere pelo fato de nenhum elemento linguístico, seja uma frase ou um texto, ser totalmente original.

O colapso da torre de babel simboliza o fenômeno da tradução que traz em si o princípio da dualidade. Simboliza a destruição da pretensão de uma tradução perfeita que é impossível e, ao passo que a torna necessária. Assim, o sonho da tradução como sobrevivência acontece não através de transferência perfeita entre diferentes línguas ou culturas, mas através compreensão do outro a ser traduzido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda discussão realizada ao longo desse ensaio, podemos fazer as seguintes considerações: Tradução Cultural não é um mecanismo que pode ser usado para classificar uma tradução ou para definir o conceito de “fidelidade” e “equivalência”, mas antes, investigar aquilo que está implícito no ato de traduzir uma cultura estrangeira, incluindo questões de dominação e subordinação que se manifestam em todas as esferas do processo tradutório. Assim, tradução cultural ultrapassa os limites de abordagens tradicionais enraizadas no aspecto linguístico do trabalho e encontra sua razão de ser naquilo que está além da troca de um determinado termo linguístico na língua fonte por seu equivalente na língua alvo.

A tradução, a partir das ferramentas culturais, abrange o todo que envolve o ato de traduzir e compreende aspectos não linguísticos, como especificidades culturais e relações de poder, concebendo a própria língua como um elemento cultural constantemente em movimento. Ao considerar aspectos sociais, políticos e culturais da produção textual, a tradução se torna uma poderosa ferramenta de comunicação intercultural.

Traduzir a partir da cultura oferece a possibilidade de uma compreensão da tradução enquanto atividade transformadora, capaz de contribuir para a construção de identidades nacionais e sua percepção pelo outro, o estrangeiro, através da transferência de valores entre culturas; e colaborar para a preservação de culturas subalternas, enquanto serve de ferramenta para a

sobrevivência da vida das obras e tenta impedir que culturas e línguas oprimidas sejam reduzidas a componentes de importância histórica sem valor no mundo moderno.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. “The Concept of Cultural Translation in British Social Anthropology”, In: CLIFFORD, James and George E. MARCUS (eds.) **Writing Culture: the poetics and politics of ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.

BASSNETT, Susan. LEFEVERE, André. **Translation, History Culture**. London: Routledge, 1992.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. The translation turn in cultural studies. In: **Constructing cultures. Essays on literary translation**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BENJAMIN, Walter. A Tarefa-renúncia do Tradutor. Em: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BHABHA, Homi. Como o Novo Entra no Mundo. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provocações da tradução cultural. In: **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CAMPOS, Augusto. **Verso, Reverso, Controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CATFORD, J. **A Linguistic Theory of Translation**. London: OUP, 1965.

EEVEN-ZOHAR, Itamar. “The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem”, In: VENUTI, Lawrence (ed.) **The Translation Studies Reader**, London and New York: Routledge, 2nd edition, 2004

HANKS, William; SEVERI, Carlo. **Translating worlds: The epistemological space of translation**. HAU, Journal of Ethnographic Theory. Vol 4, No 2 (2014).

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HERMANS, Theo (ed). **The Manipulation of Literature – Studies in Literary Translation**. Routledge Revivals, 2014.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies – And Beyond**, Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins, 1995

VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility**. Routledge, 2008.

Title

Translation as a dream of survival.

Abstract

The aim of this paper is to present the development of Cultural Translation, taking as a starting point the changings occurred in the field of Postcolonial Social Anthropology, and the awareness that the Cultural Turn represents to the field of Translation Studies. The notions of Cultural Translation studied in this paper are mainly based on the theories of authors such as Susan Bassnett e André Lefevere (1992; 1998) Homi Bhabha (1998) and Jacques Derrida (2006), which aim to emphasize the way power relations and manipulative actions interfere in the process of translation, starting with the choice of the work to be translated to the censorship of linguistic terms considered inappropriate to the audience. This paper also intends to discuss the notion of hybridity in Homi Bhabha that points out the translator's hybrid identity and role as an agent of social changing, while inhabiting the borders of cultural differences and cultivates the dream of translation as survival.

Keywords

Cultural Translation; Cultural Turn; Power Relations; Hybridity.

Recebido em: 02/04/2017.

Aceito em: 11/07/2017.